



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

ANTONIO EMANUEL ALBUQUERQUE ARAÚJO

**O COMÉRCIO POPULAR E A PRESENÇA DOS CIRCUITOS DA
ECONOMIA URBANA NO SHOPPING CENTRO EDSON DINIZ –
CAMPINA GRANDE/PB**

Campina Grande/PB
2013

ANTONIO EMANUEL ALBUQUERQUE ARAÚJO

**O COMÉRCIO POPULAR E A PRESENÇA DOS CIRCUITOS DA
ECONOMIA URBANA NO SHOPPING CENTRO EDSON DINIZ –
CAMPINA GRANDE/PB**

Artigo apresentada ao Departamento de Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para
a Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em
Geografia.

Orientador: Profº. Dr. Antônio Albuquerque da Costa

Campina Grande
2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

A663c

Araújo, Antonio Emanuel Albuquerque.

O comércio popular e a presença dos circuitos da economia urbana no Shopping Centro Edson Diniz - Campina Grande/PB [manuscrito] / Antonio Emanuel Albuquerque Araújo. – 2013.

34 f. : il. : color

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa, Departamento de Geografia”.

1. Comércio 2. Comércio Popular 3. Economia Urbana I. Título.

21. ed. CDD 380.1

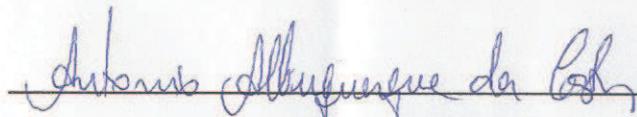
ANTONIO EMANUEL ALBUQUERQUE ARAÚJO

**O COMÉRCIO POPULAR E A PRESENÇA DOS CIRCUITOS DA ECONOMIA
URBANA NO SHOPPING CENTRO EDSON DINIZ – CAMPINA GRANDE/PB**

Aprovado em: 28 / 08 / 2013

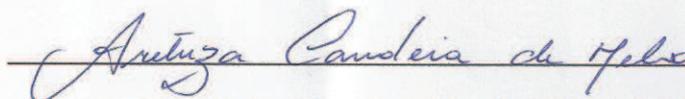
Nota: 8,5

BANCA EXAMINADORA



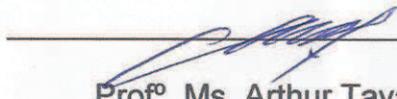
Prof^o. Dr. Antônio Albuquerque da Costa/UEPB

Orientador



Prof^a. Dr^a. Aretuza Candeia de Melo/UEPB

Examinadora



Prof^o. Ms. Arthur Tavares Valverde/UEPB

Examinador

O COMÉRCIO POPULAR E A PRESENÇA DOS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA NO SHOPPING CENTRO EDSON DINIZ – CAMPINA GRANDE/PB

ANTONIO EMANUEL ALBUQUERQUE ARAÚJO

RESUMO

Diante das constantes transformações econômicas e sociais que vem ocorrendo em escala global e em particular no Shopping Edson Diniz na cidade de Campina Grande-PB, esta pesquisa propõe-se a analisar as modificações ocorridas no comércio popular, que atende as diversas classes sociais que passam a consumir os produtos ali negociados. Através da teoria dos circuitos da economia urbana, descritos por Milton Santos explica como ocorre esse fenômeno, que concretizando sua existência no local do estudo através das observações in locus. A pesquisa possibilitou detectar a predominância do Circuito Inferior da economia no local analisado, através da comercialização de produtos como vestuários e eletrônicos. A população não está confinada a um ou outro circuito, podendo circular entre os dois circuitos. O comércio no Shopping Edson Diniz nos permite observar os diferentes contextos de surgimento dos circuitos da economia urbana.

Palavras-chave: Shopping, comércio popular, circuito inferior.

ABSTRACT

In the face of constant economic and social transformations that have occurred globally, and particularly in Edson Diniz Shopping in the city of Campina Grande, this research proposes to examine up the changes in the popular trade that meets the various social classes who spend consumer products traded there. Through the theory of circuits of the urban economy, described by Milton Santos explains how this phenomenon occurs, realizing that their existence at the study site through observations in locus. The research allowed to detect the prevalence of Lower Circuit analyzed the economy in place, through the marketing of products such as garments and electronics. The population is not confined to one or another circuit, which could move between the two circuits. Trade in Shopping Edson Diniz allows us to observe the emergence of different contexts circuits of the urban economy.

Keywords: Shopping, popular trade, lower circuit

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo a análise da presença dos circuitos da economia no Shopping Edson Diniz mais conhecido como o Shopping Centro localizado na cidade de Campina Grande – PB. O interesse pela temática surgiu a partir das diversas vezes em que frequentando o local do estudo, percebi que existe diferença de classes sociais dos clientes que consomem os produtos eletrônicos e os que consomem os produtos de vestuários.

Como entender o porquê este fato ocorre, já que os produtos são comercializados no mesmo local, e que todos os produtos ali são tidos como produtos populares?

São questões como essa que vamos tentar entender no decorrer do trabalho e demonstrar porque ocorre esse fenômeno que hoje faz parte do capitalismo.

O estudo se dar a partir das observações frequentes no local, onde presenciando pode-se observar que uma determinada classe social adquire certo produto mais tem certa precaução de adquirir outro determinado tipo de produto, como entender esse fenômeno se todos os produtos são comercializados no mesmo local e também observamos a presença dos circuitos da economia urbana. Temos como o principal sujeito da pesquisa os consumidores que frequentam o local de estudo, observações e visitas foram feitas para entender porque determinada classe social consome um produto, mas tem certo receio de consumir outro determinado tipo de produto e para ver que circuito da economia predomina o local do estudo.

Para entender melhor o enfoque da pesquisa foi feito primeiro uma seleção bibliográfica a qual tivesse um melhor enfoque sobre o tema, no primeiro momento procurou-se entender um pouco do comércio informal já que o local do estudo trata-se de um shopping popular, onde a maioria dos comerciantes trabalha de maneira informal.

A pesquisa aborda o problema de forma qualitativa aonde os dados foram analisados de formas indutivas. Temos como principais sujeitos da pesquisa os consumidores que frequentam o local de estudo e a estrutura comercial dos boxes, observações e visitas foram feitas para entender porque determinada classe social consome um produto, mas tem certo receio de consumir outro determinado tipo de produto e para observar que circuito da economia predomina o local do estudo.

Milton Santos através da teoria de Circuitos da economia foi quem melhor explicou as transformações, tanto dos comércios populares, como também o consumo de determinados produtos pelas mais diversas classes sociais e a interferência do capitalismo entre todos os níveis sociais da população.

Além desta introdução e das considerações finais, este texto contem mais três partes. A primeira apresenta o surgimento do setor popular e sua economia no Brasil. A segunda trata o comércio informal e a criação do Shopping Popular Edson Diniz em Campina Grande/PB. E a terceira busca delinear os dois circuitos da economia presentes no Shopping Edson Diniz em relação a sua estrutura e a demanda de produtos.

1 O Surgimento do Setor Popular e sua Economia no Brasil

Os mascates foram os primeiros mercadores ambulantes da colônia de onde seu papel na sociedade brasileira era o de fornecimento de tecidos, linhas, lenços entre outros artigos adquiridos através dos seus rendimentos provenientes das atividades de prestação de serviços que iam desde “quebraganhos” à cobrança de impostos, após realizar essas tarefas e ganhar dinheiro eles iam fazer mascate.

Com o passar dos anos os mascates prosperaram não por causa da venda ambulante de porta em porta, mas sim pelo fato de que diante da crise do açúcar no mercado Europeu, nosso principal mercado consumidor, os mascates que além de assumir o controle da venda do açúcar ofereciam capital de giro necessário para a produção aos senhores de engenho que atravessavam a citada crise. A figura dos mascates, no entanto, não se confunde com a dos camelôs contemporâneos, pertencentes ao circuito inferior da economia.

O setor popular nas grandes cidades do Brasil começa a tomar força no pós Segunda Guerra Mundial, com a migração de trabalhadores do campo para as cidades, em busca de melhores oportunidades nas indústrias urbanas. Como esses trabalhadores não eram qualificados para estes serviços foram obrigados a buscar outro modo de sobrevivência, partindo para a informalidade, sem um financiamento ou créditos disponíveis cada um se adequava em locais que existia um fluxo maior de pessoas, armando suas barracas ou colocando seus produtos nas ruas ou em cima das calçadas.

Durante a década de 1990, a estrutura de mercado de trabalho no Brasil passou por três grandes mudanças: i) o aumento das taxas de desemprego, que são no mínimo, o dobro das verificadas no final da década de 1980; ii) a redução no número de trabalhadores assalariados formando um fenômeno inédito em nosso país; iii) a ampliação das ocupações por conta própria, que cresceram cerca de 60% nas regiões metropolitanas (KRAYCHETE, 2000).

Estes fatos empurram cada vez mais parcelas da população para formas alternativas de ocupações, colocando novos problemas a um mercado de

trabalho historicamente desigual e excludente. Um país como o Brasil, que nunca conheceu os índices de assalariamento das economias centrais.

Diante de oportunidades de emprego regular cada vez mais fugidia, a reprodução da vida de parcelas crescentes da população vem ocorrendo através de uma economia que abrangem inúmeras atividades de forma individual e/ou familiar, além das diferentes modalidades de trabalho. Pode-se afirmar que essas atividades familiares, formam em seu conjunto, uma economia dos setores populares, envolvendo, mesmo que de modo disperso e fragmentado, um fluxo considerável de produtos, serviços e mercados.

Por economia dos setores populares entende-se que são as atividades em que possui uma racionalidade econômica ancorada na geração de recursos humanos próprios, agregando, portanto, unidades de trabalho e não de inversão de capital. No âmbito dessa economia dos setores populares convivem tanto as atividades realizadas de forma individual ou familiar com as diferentes modalidades de trabalho associativo, formalizadas ou não.

Nos empreendimentos econômicos populares não existem os pressupostos da acumulação capitalista. Os trabalhadores produzem mercadorias, mas a sua força de trabalho não se constitui numa mercadoria. A eficiência dessa economia dos setores populares não pode ser aferida pela capacidade de seus integrantes transformarem-se em pequenos ou médios empresários, mas por sua capacidade de gerar postos de trabalho e gerar alguma renda para um grande número de pessoas. Diferente das empresas capitalistas, a racionalidade econômica dos empreendimentos populares está subordinada às necessidades da “reprodução da vida da unidade familiar”(CORAGGIO, 1998).

Embora a atividade comercial de caráter informal exista no mundo inteiro, ocorrem momentos em que estas atividades sofrem no tempo e no espaço um rápido incremento. Neste trabalho, a continuidade existencial do Setor Informal “*é determinada pelo espaço econômico permissível pela dinâmica produtiva do capital...*” (CACCIAMALI, 1983, p:34). Evidentemente o

Setor Informal¹ abre brechas na produção ou circulação de mercadorias possibilitadas pela dinâmica produtiva do capital.

Para Cacciamali (2000) as atividades informais tomaram força em decorrência das mudanças ocorridas na estrutura promovida e pela maior abertura da economia brasileira ao mercado mundial. Deste modo, frente à situação vivenciada pela economia nacional e mundial, os trabalhadores tiveram que se reorganizar para se inserirem nesse novo “mundo de trabalho”, o que resultou no surgimento e intensificação de novas formas de organização do trabalho, como as atividades informais.

O crescimento do setor informal está diretamente ligado ao processo de reestruturação produtiva no Brasil, que é parte das políticas neoliberais², por isso tem características diferentes do que tínhamos como atividades autônomas anteriormente. Ou seja, a autonomia hoje é determinada pelas condições do circuito capitalista de produção e se dá na dependência do Setor Formal. Não por acaso este fenômeno de intenso crescimento das atividades informais de trabalho se torna muito visível a partir do ano de 1990.

De acordo com Ramos (2002), o aumento das relações informais de trabalho é uma das características marcante deste período de significativas alterações no cenário econômico brasileiro. A mudança da composição setorial do emprego (expansão do setor de serviços e retração do setor industrial) também pode explicar o aumento da informalidade no mercado de trabalho brasileiro.

¹ Setor Informal envolve as atividades que estão à margem da formalidade, sem firma registrada, sem emitir notas fiscais, sem empregados registrados, sem contribuir com impostos para o governo. Fonte: (CACCIAMALI, 1983).

² Políticas Neoliberais é a que prega a diminuição do Estado na economia. É a política de recuo da participação estatal nas atividades econômicas de um país. Fonte: (SOUSA, Rainer. Brasil Escola)

2 O Comércio Informal e a Criação do Shopping Popular Edson Diniz em Campina Grande/PB

A cidade de Campina Grande – PB, localizada no Nordeste Brasileiro, exerce uma grande influência no inteiro do estado da Paraíba e em toda a região Nordeste. Portanto o crescimento do comércio de Campina Grande se deu mesmo antes de se tornar cidade pela proximidade das áreas produtoras e de consumo determinando suas funções na estruturação de um mercado interno influente dentro do Estado da Paraíba e estados vizinhos.

A economia na cidade de Campina Grande, sempre acompanhou e refletiu o comportamento da economia nacional e, por conseguinte, também da internacional. Hoje, mais uma vez, reflete a tendência (inter) nacional apresentando um alto índice de desemprego e surgimento de um sub-setor dentro do setor terciário: o mercado de trabalho informal.

O comércio na cidade sempre se destacou nas mais diversas áreas e produtos, esse crescimento tem início antes mesmo de Campina se tornar cidade, localizada em uma posição geográfica privilegiada a cidade torna-se ponto de encontro e de descanso para os produtores e comerciantes das regiões do Sertão, Cariri, Brejo e Zona da Mata que percorriam todo o estado em busca de negociar seus produtos e o gado principal mercadoria na época. Observa Andrade (1986, p.123), que Campina Grande transforma-se em feira de gado, por ser o que ele considera de porta de penetração para o Sertão e Cariri.

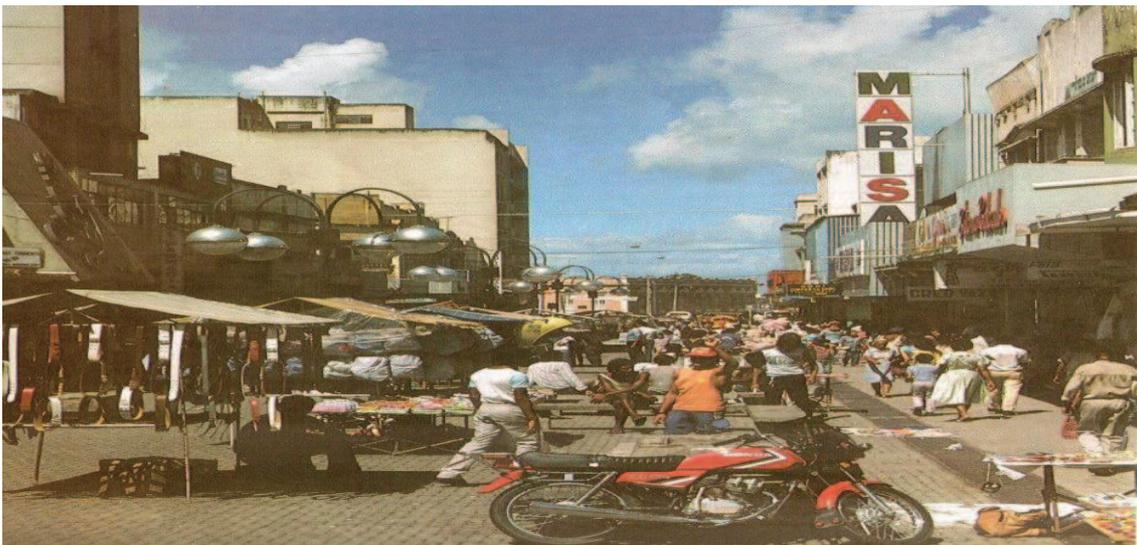
Além da feira de gado, outras feiras se destacavam na cidade como a de farinha de mandioca e a feira de cereal. Com essa diversidade de produtos comercializados Campina Grande começava a demonstrar vocação para o comércio. Com o crescimento da produção de algodão que se direcionava para Campina Grande e a chegada da linha férrea para o escoamento de toda produção algodoeira para todo Brasil e até mesmo para o exterior a cidade começam a receber gente do interior do estado e de toda a região Nordeste que vinha em busca de trabalho e de acender economicamente no mesmo ritmo da Cidade.

Campina Grande depois de se tornar a cidade mais importante do interior do Nordeste começa a atrair indústrias e junto com elas mais habitantes que vinham à procura de empregos, muitos não conseguiam trabalhar nas indústrias por não se constituírem em mão de obra qualificada e não terem para onde ir, já que a maioria vinda da roça vendiam todos os pertences e migravam para a cidade acabavam buscando lugares impróprios para construir suas moradias refletindo no surgimento de favelas, que em 1979 já eram três na cidade.

Sem mão de obra qualificada e sem conseguir trabalho além da crise econômica que atingia o país muitos trabalhadores nos anos 1980 a 2000 partiram para a informalidade ocupando as calçadas das ruas centrais de Campina Grande comercializando diversos tipos de produtos. Constata-se a partir de dados da Prefeitura Municipal de Campina Grande - PMCG – que no ano de 1986 existiam cerca de 267 camelôs organizados em barracas espalhadas por diversas ruas da cidade (Figura 1).

E tinham que sempre estar montando e desmontando quando chegavam para trabalhar e retornar às suas residências respectivamente, também vendiam suas mercadorias em carros de mão, em cima de um plástico sobre as calçadas, improvisando de muitas outras maneiras a realização de seus negócios (Figura 2 e 3).

Figura 2: Comércio ambulante na Rua Maciel Pinheiro na década de 1980.



Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br>

Figura 3: Comércio ambulante na Rua Cardoso Vieira início da década de



Foto: Antonio Albuquerque da Costa, Nov./2001.

A invasão das ruas centrais de Campina Grande pelos camelôs, assim como em outras cidades, passou a ser questão polêmica e de difícil solução, pois ao mesmo tempo em que a população reclamava a devolução das calçadas e que os comerciantes se sentiam prejudicados em seus negócios, havia por outro lado a sensibilização por parte de parcela da população, que diante do desemprego, solidarizava-se com a causa dos ambulantes. (Costa, 2003, p76).

Com as calçadas ocupadas de ambulantes que colocavam seus produtos em plásticos, carros de mão atrapalhando assim o fluxo das pessoas que a maioria das vezes tinha que andar pelas ruas disputando espaço com os carros, criando assim muitas reclamações mais ao mesmo tempo criava também uma comoção já que a maioria da população entendia que era o meio daqueles comerciantes ambulantes sustentar as famílias.

Em Campina Grande a crise financeira que era vivida em todo o país tem início na década de 1970. O sistema capitalista provocava queda de lucratividade e produtividade, trazendo um reajuste natural da economia através de um grande processo de reestruturação produtiva. Campina Grande, juntamente com os demais municípios brasileiros, não ficou de fora da crise, à indústria local sofreu diminuição da produção, alguns setores chegaram a decretar falência, dando início ao processo de agravamento da falta de emprego na cidade e do conseqüente surgimento do setor informal de trabalho, no qual começaria um grande crescimento de trabalhadores nas ruas da cidade.

No Brasil sobretudo em Campina Grande, esta forma de trabalho vem ganhando cada vez mais adeptos devido à falta de trabalho formal. A presença de trabalhadores nas ruas vendendo os mais diversos produtos como CDs – DVDs, frutas, controle remoto, enfim, tudo que se pode imaginar somando-se a isto observa-se a necessidade, em todas as grandes cidades, da criação de lugares apropriados para a comercialização desses produtos, como forma também de uma ordenação dos espaços centrais.

Os anos que se seguiram aos anos de 1980, associado diretamente ao alto índice de desemprego a quantidade de camelôs foi aumentando cada vez mais nas ruas e calçadas da área comercial de Campina Grande então, para amenizar os problemas que esta categoria trabalhadora enfrentava nas ruas e

também para a requalificação do centro urbano com o programa “Campina Déco”³. Houve de acordo com a Agência Municipal de Desenvolvimento - AMDE -, uma realocação dos mais de mil vendedores ambulantes para áreas específicas, denominadas Áreas de Recreação, Cultura e Comércio ao Ar Livre, ou seja, as populares ARCCAs que se encontram espalhadas no centro da cidade e foram denominadas de Arca Titão e a Arca Catedral (Figuras 4 e 5).

Figura 4: Arca Titão



Foto: Antonio Albuquerque da Costa, Fev./2003.

Figura 5: Arca Catedral



Foto: Filipe Fênix de Brito Costa, Fev./2003.

³ O projeto Campina Déco teve como objetivo a revitalização de 150 prédios em estilo art déco localizados no centro da cidade.

Como também foram para o centro comercial denominado Shopping Centro Edson Diniz (Figura 6). Localizado no prédio da antiga lojas Brasileiras (Figura 07) que é o principal e mais procurado local de comércio popular da cidade. Tendo suas atividades iniciadas em 5 de fevereiro de 2001, e conta hoje com aproximadamente 330 boxes, espalhados pelos pisos da praça de alimentação, (Intermediário), da Praça da Bandeira (piso térreo) e da Floriano Peixoto (sub solo).

Figura 6: Shopping Centro Edson Diniz



Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br>

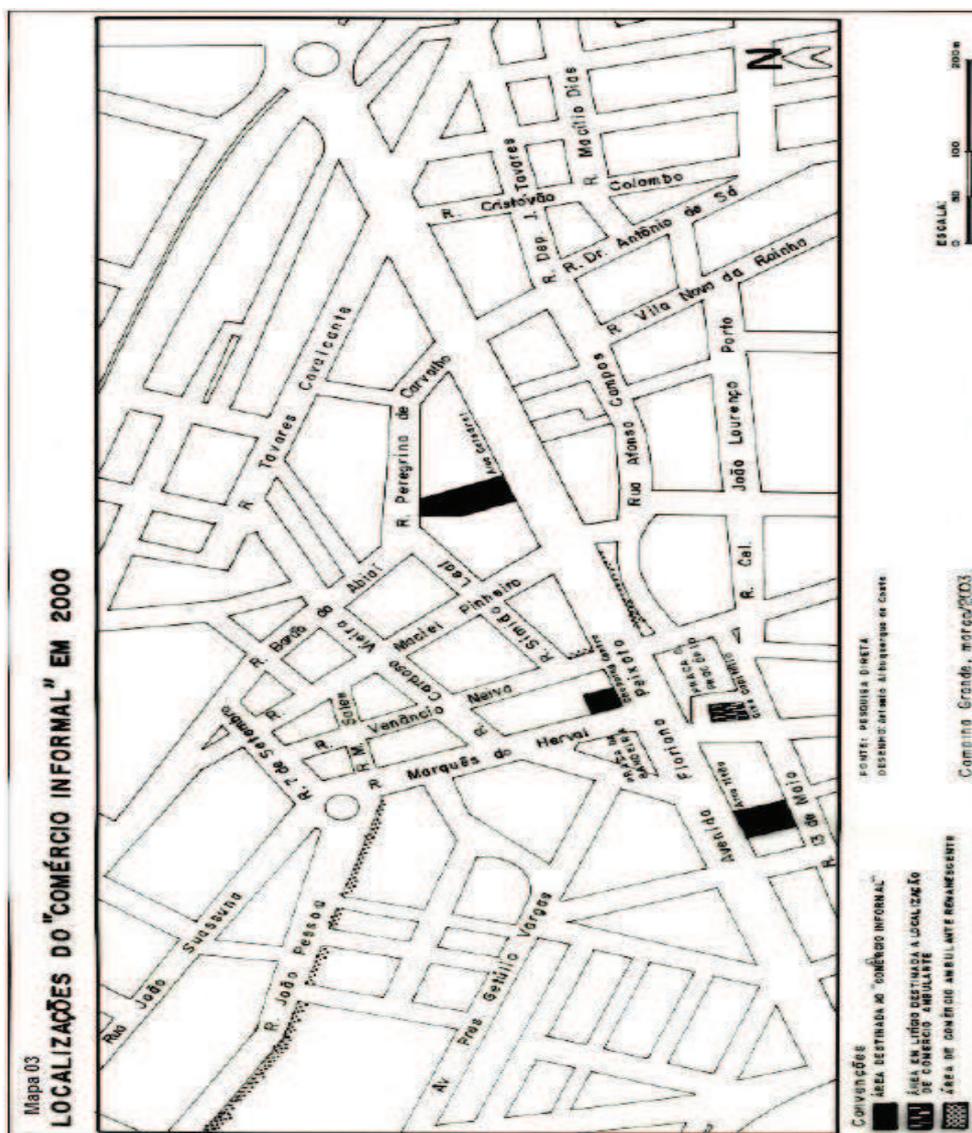
Figura 7: Antiga lojas Brasileiras



Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br>

Com a relocação dos ambulantes para as ARCCAs e para o Shopping Centro Edson Diniz os comerciantes passam de vendedores informais, para vendedores formais, já que agora seus comércios são organizados e reconhecidos pela Prefeitura Municipal de Campina Grande que mantém toda uma estrutura para os comerciantes, com essas transformações a partir do ano de 2001 Campina Grande passa a ter uma nova estruturação na localização do comércio ambulante, passando a existir locais específicos para os comerciantes que vendiam seus produtos nas ruas na área comercial da cidade. (Figura 8).

Figura 8: Localizações do “Comércio Informal” em 2000



FONTE:(COSTA, 2003, p. 81).

As áreas de comércio popular em Campina Grande vem atingindo cada dia mais a população, pode-se observar o crescimento da variação de produtos comercializados nesses locais onde não existe mais a comercialização de um produto específico e sim uma mescla dos mais variados produtos como: verduras, frutas, roupas, produtos eletrônicos entre outros.

3 O Shopping Edson Diniz abrigando os circuitos da economia

O estudo de Santos (1979) resulta na caracterização da economia urbana em dois sistemas: o “circuito superior”⁴ e o “circuito inferior”⁵. O autor argumenta que os dois circuitos estão articulados entre si, diferenciados entre as modalidades de capital, tecnologia e organização. A força dos argumentos dessa teoria está justamente em destacar que se trata de uma análise espacial do processo de modernização tecnológica, tomado como origem e explicação da existência e do funcionamento dos circuitos da economia urbana.

Da mesma maneira, critica as abordagens que, em decorrência de seus métodos matemáticos e estatísticos de análise, tratam a questão do desenvolvimento com grande abstração, minimizando ou até desconsiderando pontos cruciais, como o impacto das tecnologias que reduzem o número de trabalhadores nos setores mais dinâmicos da modernização. Contudo, devemos notar que há uma dependência do circuito inferior em relação ao superior no qual as economias dos setores populares interagem com os mercados e atividades econômicos situados no andar superior da economia em relação ao qual ocupa uma posição subordinada.

A existência de uma economia moderna e de uma grande massa de pessoas com baixas rendas, concentrando-se nas cidades formando-se a chegada de novos moradores vindos do campo ou de cidades com menores

⁴ Circuito Superior é o resultado direto da modernização tecnológica, e é constituído por modernos e novos empreendimentos: bancos, redes de supermercados, grandes lojas, indústrias urbanas, serviços modernos entre outros serviços modernos. Fonte: (SANTOS, 1979).

⁵ Circuito Inferior é formado por atividades ligadas ao setor popular da economia: pequenos comércios, bodegas, ambulantes, os quais se situam principalmente distantes dos avanços tecnológicos. Fonte: (SANTOS, 1979).

portes, o que cria condições para que o circuito inferior se instale nessas cidades. Desta forma, se o circuito superior é uma consequência direta da modernização tecnológica, o circuito inferior é uma consequência direta dessa modernização presente em todos os grandes centros.

As condições de evolução da economia moderna e o enorme peso de uma população urbana com baixo nível de vida, que não para de aumentar com a chegada maciça de migrantes do campo, acarretam a existência, ao lado do circuito moderno, de um circuito econômico não-moderno, que compreende a pequena produção manufatureira, frequentemente artesanal, o pequeno comércio de uma multiplicidade de serviços de toda espécie. (SANTOS, 1979, p. 155).

Com isso será criada uma demanda que o circuito moderno não entenderá, porque passara obrigatoriamente a atender uma grande demanda das classes sociais mais baixas pelas diversas áreas da economia, conseqüentemente criando oportunidades para que as classes sociais menos favorecidas tenham acesso ao mesmo tempo dos produtos de vestuários como também dos produtos eletroeletrônicos e os seus respectivos serviços já que se tornam acessíveis.

A esses motivos pode-se acrescentar ainda a possibilidade não apenas de oferecer seus produtos e serviços aos consumidores típicos do circuito inferior, mas de aproveitar a demanda gerada pela classe média. Observa-se, portanto, que a modernização do consumo configura-se como uma força importante na definição e na articulação dos dois circuitos.

Com o surgimento da Globalização e de todas as formas de modernização decorrentes dela, (inclusive no que se diz respeito à Tecnologia), nas diversas esferas sociais tem-se a adesão à modernização. Especificamente em relação à Economia, o Circuito Inferior tende a se adaptar parcialmente a essa modernização. Segundo Milton Santos:

A modernização, que é acompanhada por uma mudança na estrutura do consumo, repercute diretamente na estrutura do circuito inferior. Facilita então o consumo de produtos modernos, produzindo-os ou comercializando-os com técnicas menos modernas. (SANTOS, 2004, p.255).

Parafraseando em Santos (1979, p. 36), percebe-se que o papel do circuito superior na sociedade urbana é controlar a economia, e assim determinar a produção e organização do espaço. Enquanto o circuito inferior se adapta, cria-se uma função de reproduzir o modo de produção capitalista, ainda que por caminhos distintos sempre seja uma reprodução.

[...] que é acompanhada por uma mudança na estrutura do consumo, repercute diretamente na estrutura do circuito inferior. Facilita então o consumo de produtos modernos, produzindo-os ou comercializando-os, com técnicas menos modernas. O consumo crescente de produtos modernos por uma população pobre faz nascer uma série de novas atividades no circuito inferior. (SANTOS, 1979, p. 200).

O consumismo principal elemento impulsionador do sistema capitalista caracteriza-se pela inovação e modernização continua dos produtos a fim de atrair o mercado consumidor e garantir a manutenção financeira do Sistema, para que a prática consumista se efetive, o Circuito Inferior que é também significativamente importante para a Economia, precisa ir progressivamente atendendo aos requisitos do sistema, precisam também comercializar os produtos para a camada social consumidora específica, que, mesmo se caracterizando por uma população pobre, também consome produtos modernos, sendo o consumo dessa população indispensável para o sistema capitalista.

Essa importância se dar, por exemplo, por conta do montante de empregos que as atividades do Circuito Inferior proporcionam com a geração circulares de outras atividades interligadas. Sendo o Circuito Inferior geralmente um agregador de trabalhadores inseridos no subemprego, desempregados ou marginalizados em relação ao emprego no Circuito superior. De acordo com Santos:

Muitas dessas atividades estão a meio caminho entre a atividade secundária e a atividade terciária. Sendo uma atividade de fabricação, ou conserto, guarda, entretanto, semelhanças com o serviço destinado ao consumo final. (SANTOS, 2004, p. 257).

Assim o consumo de produtos modernos também se efetiva no Circuito Inferior, a diferença em relação ao Superior seriam as técnicas, que no Inferior são menos modernas. Especificamente em relação á modernização tecnológica, com o processo de globalização e a revolução técnico-informacional ela vem se tornando cada vez mais presente e atuante no espaço geográfico.

Então, chega-se à consideração que o Circuito Inferior decorre também da modernização econômica, mesmo que seja indiretamente. O Circuito Inferior só existe porque há o circuito Superior (que é o resultado direto da modernização). Em um contexto pretérito, Santos (1979) elencou características típicas da organização do Circuito Inferior, no tocante ao emprego e ao trabalho, ao crédito, aos preços das mercadorias, à publicidade e à reutilização de bens, que objetivando uma melhor visualização elaboramos tal distribuição no Quadro 01:

Quadro 1: Características do Circuito Inferior

CIRCUITO INFERIOR	
CATEGORIA	CARACTERÍSTICAS
Emprego	É raramente permanente, é acordado geralmente entre padrão e empregado, sendo remuneração baixa, há grande destaque para o trabalho familiar e autônomo.
Trabalho	O trabalho é intenso, sendo os capitais reduzidos e a organização burocrática dispensável. As jornadas de trabalhos são longas e flexíveis.
Crédito	O crédito é pessoal e direto. O objetivo, a partir desse crédito, é a busca desenfreada de dinheiro líquido, para saldar dívidas, e assim, manter o abastecimento de mercadorias por parte dos fornecedores.
Preço	Os preços das mercadorias não são fixos, valendo a pechincha. Assim sendo, as oscilações de preços constantes, seguindo os interesses dos clientes. A não rigidez dos preços no circuito inferior liga-se ao principal objetivo das suas atividades, que é assegurar a sobrevivência de seus agentes desencadeadores.
Publicidade	A publicidade não é necessária, graças ao contato direto que há com a clientela. Além disso, a realização da publicidade é dificultada pela diminuição da margem de lucro.
Reuso	A reutilização de bens de consumo duráveis, como roupas, aparelhos eletrônicos, é uma importante base para o estabelecimento e o funcionamento significativo das atividades.

Fonte: SANTOS (1979) – Adaptado por ARAÚJO (2013)

No período atual, algumas dessas características continuam condizentes com a realidade, como as referentes ao emprego e ao trabalho e a reutilização de bens de consumo duráveis. Contudo, há também algumas das características do Circuito Inferior, destacadas por Santos (1979), que vêm sendo alterado, o que é extremamente normal diante as novas variáveis (informações, publicidade, finança e consumo) determinantes e dominantes no período atual da globalização, as quais, cada vez mais, vêm se fazendo presente em atividades do Circuito Inferior.

As atividades modernas podem até gerar a expansão do assalariado, mas, com a efetiva diminuição do número de trabalhadores em relação ao valor e volume da produção. Os preços no circuito superior são fixos, manipulados, visando lucros em longo prazo, por outro lado no Circuito Inferior o preço não é fixo, as variações são acentuadas, e o prazo do lucro é curto. No Circuito Superior a ideia de lucro está ligada a acumulação do capital, e no Inferior está ligada a satisfação da sobrevivência da família. A relação entre o agente e a clientela é pessoal e direta no Circuito Inferior, mas impessoal, centralizada e hierárquica no circuito superior. (SANTOS, 1979).

A maioria dos consumidores do Circuito Inferior são pobres, ou seja, aqueles que não tem acesso aos bens de consumo considerados como o mínimo indispensável. Os consumidores do Circuito Superior são em via de regra os indivíduos mais abastados, os quais geralmente mantêm o controle da economia urbana e regional e até mesmo nacional.

Com a ascensão do capitalismo, as classes sociais foram divididas em três, os pobres da classe baixa, os mais favorecidos do que a baixa que é a classe media e por último são os ricos da classe alta. A existência de três classes sociais no mundo subdesenvolvido não significa a existência de três Circuitos da Economia Urbana. Alguns consumos da classe média (casa, automóvel, lazer) são alinhados aos consumos da classe superior e outros consumos (como os produtos alimentícios) são realizados no Circuito Inferior.

Com a chegada da era global e de todas as formas de modernização decorrentes da tecnologia, nas diversas esferas sociais tem-se a adesão as modernizações. Especificamente pelas classes sociais mais baixas que vão à procura desses produtos no comércio informal por ter um preço menor, mesmo os produtos sendo de uma qualidade menor dos que são vendidos nas grandes lojas, boa parte da população recorre ao comércio informal para aquisição de produtos mais modernos. Sobre isso Arroyo (2008) diz que:

O processo de crescimento econômico e modernização tecnológica, seletivo e concentrador, não consegue atender de igual forma todos os habitantes da cidade grande, que fazem parte do mesmo mercado, porém com os mais diferentes níveis de capital, trabalho, organização e tecnologia. Diferentes formas de produzir que, por sua vez, correspondem as diferentes formas de consumir. Essa segmentação do mercado autoriza a convivência de uma ampla variedade de formas de realização econômica. (ARROYO, 2008. p. 36).

Mesmos cientes que nem todos os lugares foram atingidos na mesma intensidade pelos efeitos da modernização, sabemos que a difusão da informação contribuiu para que as pessoas tivessem conhecimento de certos bens e produtos, impulsionando novos métodos de consumo. Forçando o circuito inferior comercializar produtos modernos para atender a população em que o circuito inferior atende.

O processo de globalização intensificado no país nos anos de 1980 constituiu-se no carro-chefe da significativa mudança desencadeada nos padrões de consumo ocorridos em todas as classes sociais, a característica mais predominante nesta “nova” sociedade refere-se na capacidade da mesma em transformar seus sujeitos em produtos consumíveis. Antigamente a grande distinção entre as classes sociais era atingida através da posse ou não dos meios de produção, entretanto atualmente encontra-se ligada ao consumo, ou seja, a aquisição material revela a classe social na qual pertence determinada pessoa.

Nesse sentido, Maricato (1996) declara que os institutos de pesquisas socioeconômicas também procuram adaptar-se, pelo menos terminologicamente, em relação à expansão do consumo popular, haja vista que as atuais classificações designadas aos “novos” pobres referem-se às

classes C, D e E, sendo as duas últimas referentes à população de mais baixa renda.

Em relação à economia, compreender que mesmo sendo um determinado comércio integrante do circuito inferior, há geralmente por parte deste, investimentos voltados para a aquisição de novas técnicas de trabalho. Sendo que estes estabelecimentos vêm se modernizando tecnologicamente. Mesmo se diferenciando por um sistema tecnológico relativamente primitivo, o comércio do Circuito Inferior tende a se adaptar e aderir parcialmente às novas tecnologias.

. Apesar de estruturalmente serem considerados parte do Circuito Inferior, tais comerciantes usam o computador, por exemplo, indispensável, fundamental para facilitar a comunicação entre a empresa e o fornecedor, e no caso da internet prevalecer-se para saber dos preços, e quando não utilizam internet utiliza-se do computador para ter controle de vendas.

Os dois circuitos estão voltados para mercados distintos, um depende do outro, e funcionam interligados, e é através das suas interações que produzem o dinamismo econômico. Diferenciam pelas características que remetem ao nível tecnológico e organizacional de cada um, basicamente sendo o Circuito Superior pela modernização, e o Inferior pelo intensivo trabalho. Para Milton Santos, os motivos da formação dos circuitos econômicos são:

A existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas, cria na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não têm condições de satisfazê-las. Isso cria ao mesmo tempo diferenças quantitativas no consumo. Essas diferenças são a causa e o efeito da existência, ou seja, da criação ou da manutenção, nessas cidades, de dois circuitos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviços. (SANTOS, 1979).

É importante destacar que no período da globalização não temos só a expansão do Circuito Superior da economia urbana, mas também do Circuito Inferior. Os elementos que contribuem para a expansão do circuito inferior são:

a expansão do consumo em todas as classes, a presença de uma massa com os salários muito baixos e o avanço das políticas neoliberais⁶. Soma-se a isto, o desinteresse das grandes empresas em utilizar técnicas de alto coeficiente de emprego, visto as despesas com funcionários, a terceirização e principalmente, as políticas sociais que permitem o consumo de bens que antigamente não era possível pela população pobre.

No Shopping Centro Edson Diniz local escolhido para o estudo, observa-se que, mesmo o local de comercialização dos produtos não sendo mais ilegal já que os comerciantes vivem em um local legalizado pelos órgãos públicos e pagam condomínio de seus boxes à maioria mantém relações de trabalho informais, não tem carteira de trabalho assinada ou são os próprios donos dos boxes.

Podemos observar no local do estudo os pequenos comércios dos mais variados tipos de produtos e as diversas formas de prestação de serviços. Dessa maneira, reforça a ideia do espaço banal, sinônimo de espaço geográfico e de território usado por (SANTOS, 2008), pois acrescentam em seu conteúdo, diversos agentes com diversas formas de organização e comportamento.

No Shopping Centro como é mais conhecido pela população, há a presença de diversas atividades comerciais tais como: lojas de roupas e artigos variados, boxes de produtos importados, eletrônicos, estabelecimentos de vendas de DVD'S e CD'S, e de serviços como os consertos de celulares, relógios entre outros produtos eletrônicos.

Quanto às lojas de roupas e acessórios é importante destacar as colocações de Silveira (2007), quando esta argumenta que um dos pilares do funcionamento do Circuito Inferior é a reprodução de produtos típicos do Circuito Superior. Desse modo, grandes partes dos produtos comercializados

⁶ Neoliberalismo é um conjunto de ideias políticas e econômicas capitalistas que defende a não participação do estado na economia. De acordo com esta doutrina, deve haver total liberdade de comércio (livre mercado), pois este princípio garante o crescimento econômico e o desenvolvimento social de um país. Fonte: (SOUSA, Rainer. Brasil Escola)

nesses pequenos estabelecimentos destacados aqui, são na realidade uma reprodução daqueles produzidos pelas grandes marcas e grifes internacionais (Nike, Puma, Adidas, Colcci e outros feitos por encomenda), que apresenta considerável influência no consumo da sociedade.

Os produtos importados eletrônicos e os DVD'S e CD'S, são procurados não apenas pelos grupos sociais que não tem condições de adquirir produtos originais, mas também por pessoas que apresentam amplas condições de consumo. Essa relação de consumo entre os diferentes circuitos comprova a tese de Santos (1979) relaborado por Silveira (2009), segunda a qual todas as classes sociais podem consumir fora do circuito ao qual pertencem, mesmo que esse consumo seja apenas temporário.

Dessa maneira, o circuito inferior torna-se um vetor do outro circuito, no qual, a produção fica ao encargo do superior, mas nesse caso, a distribuição e a facilidade de acesso para as camadas mais pobres da sociedade a esses produtos ocorrem através do circuito inferior. Essa relação de complemento entre ambos os circuitos contribui para que surjam outras atividades, como por exemplo, produção e venda de acessórios, assistência técnica, desbloqueio de celulares e vídeo games entre outros. De acordo com Silveira (2004), se são as grandes corporações que dominam a produção e a venda desses objetos, o restante da circulação é realizado por outros agentes, sendo que são aqueles pertencentes ao circuito inferior que fazem com que esses produtos cheguem às mãos das camadas mais pobres da sociedade.

É preciso destacar que a difusão maciça desses novos objetos técnicos como celulares, aparelhos de mp3 e outros produtos eletrônicos são próprios do período atual, que não só vem criando pequenos estabelecimentos destinados as suas respectivas comercializações, mais também estabelecimentos que são destinados ao conserto e manutenção dos aparelhos, bem como fomenta o aparecimento de um amplo mercado voltado a venda de acessórios como: capas, baterias, bolsinhas etc. Essa nova modalidade de comércio e de assistência técnica vem crescendo bastante nos últimos anos no Shopping Centro.

Além da divisão do espaço econômico em Circuito Superior e Circuito Inferior, Santos propõe um terceiro sistema, originário do Circuito Superior, denominado de Circuito Superior Marginal, o qual é constituído tanto por características pertencentes ao Circuito Superior, quanto de características pertencentes ao Circuito Inferior.

O surgimento do circuito superior marginal pode está ligado à resistência de algumas formas menos modernas do ponto de vista tecnológico organizacional ou resultado de uma demanda de nível intermediário incapaz de se sustentar no circuito superior, mas que ultrapassa a linha de demandas existentes no Circuito Inferior. Isso explica porque as classes sociais mais baixas procuram todos os tipos de produtos e serviços comercializados no Shopping Edson Diniz.

Esse tipo de circuito econômico tende a atender uma clientela oriunda das diversas classes sociais, em que “o peso de uma população em crescimento e de baixo nível de vida representa uma possibilidade de manutenção das formas menos modernas” (SANTOS, 2004, p.104).

Essa realidade justifica-se por algumas vantagens asseguradas ao circuito superior marginal, dentre as quais a diversidade de seu público alvo, o qual muitas vezes é bem maior do que a do circuito superior, bem como a fatores como pagamentos de salários aos funcionários que se restringe apenas ao salário monetário, enquanto que as grandes empresas “uma parte dos salários é paga frequentemente sob a forma de benefício social como alojamento, saúde e etc.” (SANTOS, 2004, p. 186).

Segundo Santos (1996, p. 103) este circuito superior marginal é o “resultado da sobrevivência das formas menos modernas de organização ou resposta a uma demanda incapaz de suscitar atividades totalmente modernas”. Ainda conforme Santos (1996), essa demanda pode vir tanto das atividades modernas, quanto do circuito inferior. Portanto, o circuito superior marginal possui, ao mesmo tempo, um caráter residual e um caráter emergente. Nesse sentido, Silveira (2007) afirma que o circuito superior marginal pode se consolidar passando a fazer parte do circuito superior puro, mas, geralmente

não consegue tal objetivo, sendo forçado a uma rugosidade, um circuito superior marginal residual.

Segundo Silveira (2009), a recente expansão do consumo no período atual abrange cada vez mais a população pobre, condição esta que tem desencadeado uma reconfiguração das relações entre os circuitos urbanos. Apesar do consumo aos serviços e bens duráveis vir apresentando considerável expansão conforme citou Silveira (2009), admite-se que este consumo apresenta-se profundamente marcado pela desigualdade em relação às formas e condições com a qual a população pobre tem acesso a este.

A população não está confinada a um ou outro circuito, podendo circular entre os dois circuitos (através do consumo e do trabalho). As classes de poder aquisitivo mais baixo consomem bens do circuito superior, sendo este consumo parcial e esporádico. As classes sociais mais altas, que consomem os produtos modernos, também consomem no comércio ambulante, mesmo que seja ocasionalmente.

O shopping Centro Edson Diniz configura claramente o circuito inferior pela sua lógica informal, mercado popular, de uso de mão de obra intensiva, com uma classe consumidora que apresenta em sua maioria características do circuito inferior. No entanto podem ser observadas, também, características do circuito superior a partir das suas formas modernas como o crédito onde observar-se que alguns comerciantes contam com a maquineta de cartão de crédito, o uso de novas tecnologias e pelo capital investido em seus negócios. Outras características do circuito superior são as diversidades de produtos comercializados como: aparelhos eletrônicos, vídeo games, celulares, câmeras fotográficas entre outros. Entretanto, é importante, ressaltar que a maioria desses produtos é ilegal por ser falsificados ou entra através das fronteiras sem o pagamento de impostos.

Esse território singular mescla elementos tanto do circuito inferior quanto do superior, não apresentando somente, atividades do circuito inferior e a interdependência apresentada na relação os dois circuitos, estando o circuito superior com uma presença mais reduzida. Contudo o Shopping Centro, com

as atividades desenvolvidas e na estrutura física em que apresenta, continua pertencendo ao circuito inferior. Mesmo havendo a regularização das atividades, o mesmo deixou de ser um comércio informal, mas continua como uma atividade e relações comerciais e trabalhistas do circuito inferior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a chegada da Globalização e de todas as formas de modernização decorrentes da tecnologia, nas diversas esferas sociais tem-se a adesão as modernizações. Especificamente pelas classes sociais mais baixas que vão à procura desses produtos no comércio informal.

Os conceitos relativos aos dois circuitos da economia urbana é um dos fundamentos mais relevantes do estudo. A transposição dos conceitos nos permite analisar o presente estudo com todas as possibilidades que as definições dos dois circuitos da economia permitem, e promove maior entendimento a respeito do fundamento e caracterização do circuito superior e inferior no período presente e na realidade do Shopping Centro Edson Diniz, local do estudo.

A população não está confinada a um ou outro circuito, podendo circular entre os dois circuitos (através do consumo e do trabalho). As classes de poder aquisitivo mais baixo consomem bens do circuito superior, sendo este consumo parcial e esporádico. As classes sociais mais altas, que consomem os produtos modernos, também consomem no comércio ambulante, mesmo que seja ocasionalmente.

O Shopping Centro, com as atividades desenvolvidas e na estrutura física em que apresenta, continua pertencendo ao circuito inferior. Mesmo havendo a regularização das atividades, o mesmo deixou de ser um comércio informal, mas continua como uma atividade, relações comerciais e trabalhistas do circuito inferior.

As observações em campo foram fundamentais para que na prática o conhecimento adquirido teoricamente fosse compreendido por alguns aspectos da dinâmica referente à economia do local estudado, sob uma perspectiva geográfica. A pesquisa realizada tem caráter introdutório para a realização de novos estudos no futuro sobre o espaço econômico e a presença dos circuitos da economia urbana no Shopping Centro Edson Diniz.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**: Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1986.

ARROYO, M. M. **A economia invisível dos pequenos**. Le Monde Diplomatique Brasil. Ano 2, out. 2008.

CACCIMALI, Maria C. **Um estudo sobre o setor informal urbano e formas de participação na produção**. 1982. Tese (Doutorado em Economia). Faculdade de Economia e Administração, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

_____. Globalização e processo da informalidade. **Economia e Sociedade**, Campinas, n 14, jun. 2000.

CORAGGIO, J. **Economia urbana. La perspectiva popular**. Quito: ILDIS. FLACSO, 1998.

COSTA, Antonio Albuquerque da. **Sucessões e coexistência do espaço campinense na sua inserção ao meio técnico-científico-informacional: a feira de Campina Grande na interface desse processo**. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia/ Centro de Filosofia e Ciências Humanas/ Universidade Federal de Pernambuco – PPGEO/CFCH/UFPE, Recife.

GOMES, P. C. C. **Geografia e Modernidade**. 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

KRAYCHETE, Gabriel. **Economia dos Setores Populares**: bases conceituais para a política de fomento. Bahia: Universidade Católica do Salvador-UCSal, III Congresso da Rede de ITCPs, Jan/2010.

MARICATO, Ermínia. **Metrópole na periferia do capitalismo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

RAMOS, Lauro. **A evolução da informalidade no Brasil metropolitano: 1991-2001**. Rio de Janeiro: IPEA, Texto para discussão n, 914, 2002.

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979.

_____. **O Espaço Dividido:** os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

_____. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **A urbanização Brasileira.** 5 ed. 1 reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, (EDUSP) 2008.

SILVEIRA, Maria Laura da. **Globalização e circuitos da economia urbana em cidades brasileiras.** Cuadernos Del Cendes. Caracas-Venezuela. Ano 21. Terceira época. Setembro-dezembro, 2004.

_____. **Crises e Paradoxos da Cidade Contemporânea:** os Circuitos da Economia Urbana. In Anais do X SIMPURB, Florianópolis, 2007.

_____. **Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo.** Cadernos CRH, Salvador, v. 22, nº 55, 2009.